https://doi.org/10.20396/proa.v12i00.17587

> Cuidar em cuias, um ofício feminino

Luciana Gonçalves de Carvalho
> luciana.gdcarvalho@gmail.com
Doutora em Ciências Humanas - Antropologia
Universidade Federal do Oeste do Pará

> *Cuidar em cuias*, um ofício feminino

Luciana Gonçalves de Carvalho

https://orcid.org/0000-0001-7916-9092
> *luciana.gdcarvalho@gmail.com*
Doutora em Ciências Humanas - Antropologia
Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará

Colher. Cortar. Raspar. Alisar. Tingir. Esperar. Bordar. Para ver e usar. Assim são as cuias, úteis e belas (PAZ, 1991), feitas para "infinitas, materiais e simbólicas coisas", como frisou Mário de Andrade (1939, p. 2).

Produzidas com frutos da cuieira (*Crescentia cujete*), tingidas e ricamente ornamentadas por incisões chamadas "bordados", as cuias fazem parte do cotidiano na Amazônia, especialmente entre as populações ribeirinhas. Desde o século XVI, chamam atenção de missionários, naturalistas e pesquisadores que registraram a permanência histórica das técnicas de produção e o gosto cultivado em torno desses objetos, seja no pé da árvore, seja na banca de tacacá. Afinal, é a cuia o único recipiente próprio para se consumir tal iguaria nortista, cujo desfrute requer alguma ciência e prática: servido muito quente, é preciso sorvê-lo aos poucos, levando a cuia aos lábios, sem auxílio de talheres; quando muito, admite-se o uso de palitos em lugar dos dedos para capturar folhas de jambu e camarões que compõem o prato (ROBERT; VAN VELTHEM, 2009).

No Baixo Amazonas, o artesanato de cuias alcançou valor de tradição e referência, sendo registrado como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2015. Ele envolve um longo processo de manipulação de recursos naturais variados, que é dominado e praticado por mulheres desde "o antigo contexto tribal, [...] nos povoados e vilas coloniais" (HARTMANN, 1988, p.

295). Nos anos 1700, segundo Ferreira (1786, p. 62), à produção das cuias que compunham "todas as *baixellas* dos *Indios*" dedicavam-se as índias e "algumas *Mazombas* [...] ensinadas pelos europeus no tocante às cores, ao gosto e à riqueza da pintura".

No Pará, atualmente, têm fama especial as cuias produzidas nas várzeas do Aritapera, em Santarém, onde as mulheres trazem no corpo os saberes atualizados na prática cotidiana de *cuidar em cuia*, como dizem. A feliz expressão com a qual nomeiam seu ofício remete a duas importantes dimensões do cuidar: a habilidade, que envolve julgamento e destreza, segundo Ingold (2000); e um senso comunitário dotado de valor moral e estético (OVERING, 1991).

A memória dos gestos parece agir sozinha desde que, ao pé da cuieira, se escolhe o fruto mais adequado ao objeto pretendido, porém cada artesã empenha todos os sentidos no exercício de seu ofício: ouve o som produzido pela faca ao bater no fruto para testar se está maduro; examina-o antes de separar-lhe as bandas com o terçado; avalia na ponta dos dedos a textura das cascas que precisarão ser lixadas; calcula, pelos movimentos da mão, quantas pinceladas bastam para tingir as superfícies. Até mesmo quando conversam distraidamente, a delicadeza e a simetria dos traços são alcançadas pelos dedos, dispensadas medições e esboços.

Cuidar em cuias é um ato de conhecimento, técnica e afeto. As artesãs do Aritapera, cientes do quanto são apreciadas, fazem-nas em grandes quantidades para vender a comerciantes e consumidores, imprimindo-lhes um amplo repertório de bordados que testemunham séculos de contatos e trocas para além da Amazônia.

Figura 1 — Artesãs reunidas para o trabalho. Carapanatuba, Santarém, 2011. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha.

Figura 2 — Cuieira. Aritapera, 2014. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

Figura 3 — Marinalva Souza colhe a cuia no pé da árvore. Carapanatuba, Santarém, 2011. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha.

Figura 4 — Lélia Maduro corta as cuias em bandas. Carapanatuba, Santarém, 2011. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha.

Figura 5 — Detalhe da raspagem de uma banda de cuia. Cabeça d'Onça, Santarém, 2014. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

Figura 6 — Marinalva Souza ferve as bandas de cuia para facilitar o lixamento das superfícies. Carapanatuba, 2011. Foto: Alexandre Nazareth da Rocha.

Figura 7 — Pincel feito de penas de galinha embebido em preparo de cumatê para tingir as cuias. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

Figura 8 — Início do bordado da cuia por incisão. Cabeça d'Onça, Santarém, 2014. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

Figura 9 — Maria Jucelina (Rosa) Corrêa borda uma cuia. Cabeça d'Onça, Santarém, 2014. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

Figura 10 — Anndressa Nascimento toma tacacá, o que também requer cuidar. Santarém, 2014. Foto: Carlos de Matos Bandeira.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Memoria sobre as cuyas. **Revista Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 58-63, mar. 1933.

HARTMANN, Tekhla. Evidência interna em cultura material. O caso das cuias pintadas do século 18. **Revista do Museu Paulista,** São Paulo, n. 33, p. 291-302, 1988.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment:** Essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

OVERING, Joana. A estética da produção: o senso da comunidade entre os Cubeo e os Piaroa. **Revista de Antropologia**, n. 34, p. 7-33, 1991.

PAZ, Octavio. Ver e usar: arte e artesanato. In: PAZ, Otavio. **Convergências:** ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ROBERT, Pascale de; VAN VELTHEM, Lucia. A hora do tacacá. **Anthropology of food,** s. 6, 2009. Disponível em: http://journals.openedition.org/aof/6466. Acesso em: 14 nov. 2020.

Submetido em: 16/07/2019

Aprovado em: 16/11/2020

"Cuidar em cuias, um ofício feminino", de autoria de Luciana Gonçalves de Carvalho, está licenciado sob CC BY 4.0.